

**ASPECTOS DAS INTER-RELAÇÕES
ENTRE COLONIALISMO, VIOLÊNCIA E INTERESSES ECONÔMICOS,
REPRESENTADAS EM *O ESPLENDOR DE PORTUGAL*,
DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES**

Fernanda Fátima da Fonseca Santos¹

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.126057

RESUMO: Neste artigo, destacam-se alguns aspectos da visão crítica que se desenvolve no romance *O esplendor de Portugal* acerca do colonialismo português na África. Entre esses aspectos, priorizam-se aqui as inter-relações entre o desenvolvimento do sistema capitalista no mundo e o estabelecimento e manutenção das formas do colonialismo português em Angola, caracterizadas sobretudo pela violência. Além disso, apresentam-se algumas das maneiras como essas relações são construídas na narrativa.

ABSTRACT: In this article, we highlight some aspects of the critical view developed in the novel *O esplendor de Portugal* concerning Portuguese colonialism in Africa. Among these aspects, we prioritize here the interrelationships between the development of the capitalist system in the world and the establishment and maintenance of the forms of Portuguese colonialism in Angola, characterized above all by violence. In addition, we present some of the ways in which these relationships are constructed in the narrative.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH, USP

PALAVRAS-CHAVE: António Lobo Antunes; Colonialismo português; Literatura da guerra colonial; Literatura portuguesa contemporânea.

KEYWORDS: António Lobo Antunes; Portuguese colonialism; Literature of the colonial war; Contemporary Portuguese literature.

Por constituir-se em objeto artístico e histórico, a literatura configura-se em espaço de manifestação estética de dinâmicas sociais. Isto é, mais do que o registro de experiências históricas, a própria organização formal do texto literário encarna e, assim, pode clarificar determinadas formas sociais vigentes no mundo objetivo. Por isso, a leitura crítica de uma obra e o desvelamento de suas estruturas composicionais são capazes de revelar importantes aspectos do contexto em que a obra se insere e dos processos históricos que nela são captados, como tensões e impasses que são inerentes a tais processos e que muitas vezes são negligenciados pelos discursos historiográficos oficiais. É nesse sentido que João Paulo Borges Coelho assinala o potencial que tem o texto literário de desengessar e complexificar a “grande narrativa, com a estrutura simples de uma fábula” (COELHO, 2015, p. 156) em que, por vezes, a memória coletiva acaba por converter-se.

No que se refere à História do colonialismo português na África, pode-se afirmar que muito tem contribuído para o seu entendimento um *corpus* literário que surge em Portugal a partir de 1961, quando se iniciam oficialmente as guerras co-

loniais nas antigas colônias portuguesas no continente africano. Esse corpus vem sendo chamado por seus principais estudiosos de Literatura da Guerra Colonial e é formado por um conjunto de obras que se relacionam intimamente às guerras na África. Por colocarem em xeque não apenas essas guerras, mas também toda a História do colonialismo português, esses textos exercem papel fundamental para que se (re)pense todo o passado colonial, bem como a maneira como esse passado continua atuando no Portugal do presente.

É nesse quadro, da Literatura da Guerra Colonial, que se situa a extensa obra de António Lobo Antunes, em cujo romance de 1997, *O esplendor de Portugal*, focaliza-se este artigo. A intenção aqui é assinalar o potencial que tem esse livro no sentido de ampliar o nosso entendimento acerca da presença portuguesa em Angola, suas motivações, características e desdobramentos no período pós-colonial.

A análise de alguns dos principais procedimentos estéticos levados a cabo por Lobo Antunes para organizar o seu romance, evidencia que nele colocam-se em relevo aspectos da História do colonialismo português que não têm sido abordados com muita atenção, especialmente pela crítica literária que se ocupa dessa obra. É o caso, por exemplo, de dois dos eixos em torno dos quais toda a narrativa de *O esplendor de Portugal* se edifica: a figuração das dinâmicas dialéticas que se deram, em diferentes períodos históricos, entre o desenvolvimento do capitalismo das grandes potências mundiais e o histórico atraso do capitalismo português. Além disso, há também a mediação dessas dinâmicas no estabelecimento e na manutenção das estruturas coloniais impostas por Portugal em Angola.

As inter-relações entre o colonialismo português e o desenvolvimento do sistema capitalista e, principalmente, algumas das consequências objetivas dessas inter-relações são amplamente representadas no romance de Lobo Antunes. Entre tais consequências, destacam-se a imposição do trabalho forçado aos negros angolanos, o poderio do grande capital internacional atuante em Angola, a marginalização dos retornados em Portugal, a internacionalização e o consequente acirramento da guerra civil em Angola após a independência do país.

Em *O esplendor de Portugal*, esses processos sociais ocorridos ao longo da história da presença portuguesa na África, a violência que caracterizou todos eles e as motivações econômicas que estiveram em suas bases são entrelaçados de maneira indissociável entre si e nas condições em que vivem os narradores. Esse entrelaçamento é consolidado principalmente por meio da imbricação, no enredo, de três grandes “blocos” históricos, que se inter-relacionam e que convergem para o presente em que se situa cada um dos narradores. Nesses blocos ou temporalidades, abarcam-se os contextos da ocupação de Angola pelos portugueses (a partir do final do século XIX), da guerra colonial (iniciada em Angola em 1961) e do período seguinte à independência angolana (no livro esse período abrange os anos de 1978 a 1995).

Por sua vez, a fusão de todos esses tempos se dá pela via da interpolação de diversas lembranças dos narradores em seus discursos, as quais rompem de maneira vertiginosa a linha narrativa do presente, o que causa a impressão de que todas as temporalidades estão imbricadas, ou seja, de que

uma participa da outra. No trecho abaixo, por exemplo, em que Isilda, em meio à guerra civil, caminha tentando chegar a Luanda, avista uma paisagem de eucaliptos e mangueiras, o olhar e a memória da personagem alternam-se, e o elemento que funde os dois é a violência, que sobressai na paisagem tanto no passado quanto no presente:

os eucaliptos da Chiquita onde se penduravam os contratados [enforcados, no passado], um ou dois sargentos sem pernas nem lugar para onde ir [no presente] estendendo a mão a quem passava, a tropa do Governo ocupando o espaço entre as mangueiras [no presente] destinado pelos cipaios a reunir o povo [das senzalas, no passado] para se certificarem que não fugiam

ANTUNES, 1999, p. 131)

Da mesma forma, logo no primeiro capítulo do livro, o personagem Carlos, pela janela do seu apartamento em 1995, lança a vista aos morros de Almada, e, quase simultaneamente, a janela do apartamento converte-se na janela de um jipe, através da qual esse narrador observava a paisagem devastada de Malanje que deixava para trás em 1978:

fiquei sozinho na cozinha a ouvir o zumbido do frigorífico e a olhar os morros de Almada, a olhar a fazenda do postigo do jipe à medida que nos afastávamos pelos buracos da picada que dividia os girassóis murchos até ao alcatrão [...] uma

*patrulha da Unita pulou à nossa frente a mandar
parar o jipe acenando as espingardas [...]*

ANTUNES, 1999, p. 12)

Esse tipo de manejo das lembranças dos narradores, fragmentárias e entrelaçadas umas nas outras, é um dos alicerces da composição do romance e, assim sendo, permeia-o de ponta a ponta. E é por meio dessa fusão de temporalidades distintas, que se constroem as relações causais entre essas temporalidades, entre as manifestações de violência que caracterizam todas elas e entre tais manifestações e os interesses econômicos tanto do grande capital quanto dos colonos portugueses proprietários. Para que melhor se possa visualizar esse processo, aludiremos a algumas de suas ocorrências no livro.

No primeiro capítulo, Carlos lembra-se de cenas que presenciou em Luanda, em 1978, quando ele, seus irmãos e sua esposa encaminhavam-se para o cais para embarcarem rumo a Portugal. Nesse ponto da narrativa, apresentam-se imagens de devastação e horror da guerra civil em Angola. Em meio a essas lembranças, opera-se uma ampliação do enfoque narrativo por meio de um recuo a um passado anterior a 1978, quando Carlos e seus irmãos ainda eram jovens e viviam na fazenda da família, em Malanje. Ao longo de todo o capítulo, às imagens sangrentas da guerra civil, intercalam-se cenas da violência praticada pelos colonos portugueses contra os trabalhadores angolanos. É o que se passa, por exemplo, no seguinte trecho, em que Carlos lembra-se quase simultaneamente de

imagens de Luanda, do seu casamento com a Lena e do enforcamento de um negro na fazenda:

[...] o ruído do avião diminuía a norte para além da mata na Pecagranja ou na Chiquita lembrei-me das mangueiras e do jinga que o chefe da polícia enforcou, lembrei-me dos restantes jingas calados à espera uma bomba, uma segunda bomba, um canhão distante que floria no céu, a minha mãe no receio que os da Unita voltassem e nos sucedesse o mesmo que ao tropa das varejeiras [que fora assassinado em combate]
– Clarisse

o jipe avançava às guinadas com a Lena apertando o estômago nos braços [pois havia levado uma coronhada de um soldado da UNITA], magra, de tranças, saindo da igreja em Malanje, o órgão continuava a soprar, as primas jogavam-nos pétalas nas escadas, o senhor bispo sorria, o enforcado estendeu as pernas uma ou duas vezes e ficou a rodopiar no tronco, o chefe da polícia apontou-o com o pingalim

– É no comércio da patroa que se compra peixe seco não é no comércio da vila

(ANTUNES, 1999, p. 14, grifo nosso)

Além da sobreposição de lembranças de tempos diversos, outro aspecto importante a ser observado nesse episódio é o fato de que nele se põe em relevo a interseção entre

colonialismo e capitalismo em sua manifestação nas relações sociais estabelecidas pelos colonos portugueses proprietários em Angola, na medida em que se evidenciam as estratégias mais primitivas e violentas por meio das quais esses colonos garantiam seus ganhos econômicos dentro do sistema colonialista português. Uma dessas estratégias consistia no endividamento de trabalhadores contratados, obrigados a adquirir mercadorias no comércio da fazenda, cujos preços eram muito mais altos do que os de mercado. Assim, esses trabalhadores se viam obrigados a permanecer na fazenda com salários cada vez mais irrisórios, o que, por sua vez, aumentava os lucros dos colonos. Dessa forma, pode-se pensar que foi, em primeira instância, a expectativa do lucro o que motivou o ato de violência, pois foi por comprar um peixe fora do comércio da fazenda que o negro foi enforcado. Ao narrar esse episódio, Carlos reporta-se nos seguintes termos às justificativas que lhe apresentava o vendedor do peixe para que não fosse também ele enforcado:

– Juro que nem sonhei que trabalhavam para vosselência eu não vendo nada aos empregados da fazenda só vendo ao povo da Chiquita a mentir com descaro dado que todo o povo da Chiquita trabalhava para nós e ele nos roubava a percentagem de lucro [...]

(ANTUNES, 1999, p. 15)

A organização das lembranças dos narradores operada dessa forma – recuando-se o foco narrativo gradativamente

a passados cada vez mais anteriores ao presente e, assim, sobrepondo-se cenas de violência ocorridas em diferentes contextos – realça as relações de continuidade, ou ainda, de causa e consequência entre as temporalidades. Assim, Carlos narra primeiro uma situação de hostilidade praticada pela UNITA no contexto da guerra civil; entretanto, ao justapor as temporalidades da guerra civil e do colonialismo, o narrador implícito problematiza também as práticas coloniais portuguesas em Angola, inseridas num quadro de interesses econômicos, como um dos fatores que culminaram nas hostilidades presenciadas pelo narrador em 1978. Dessa maneira, constrói-se a ideia de que todas as manifestações de violência relacionam-se entre si, formando assim uma espécie de círculo, em cujo centro estão os interesses econômicos e no qual vislumbramos as mudanças das condições históricas e a permanência das formas sociais violentas.

Também no primeiro capítulo narrado por Isilda figuram as cenas da Luanda devastada a que Carlos reportara-se. A memória da personagem privilegia os brancos desesperados no cais - tentando embarcar para Portugal -, as ruínas e os escombros, além da grande quantidade de cadáveres espalhados pela cidade. Não obstante o foco da memória de Isilda esteja nas cenas de Luanda, ele passa gradativamente a cobrir outras questões, que, por se sobreporem umas às outras nas lembranças e no discurso, passam a conectar-se entre si.

Assim como no exemplo exposto antes, destaca-se, nessas primeiras sobreposições de fragmentos de memórias de Isilda, a vinculação entre a lógica de exploração capitalista e o presente caótico sob o qual Angola encontrava-se em 1978.

Tal vinculação ganha mais relevo na medida em que Isilda fantasia poder tirar dela algum lucro. Em determinado ponto do capítulo, a personagem imagina-se escrevendo aos filhos e mentindo-lhes que tudo ia bem na fazenda; nessa sua fantasia, há espaço para que a narradora idealize maneiras como, supostamente, poderia lucrar com os danos sociais e econômicos aos quais a população angolana estava submetida naquele contexto. Afora isso, embora esse tipo de relação entre capitalismo e colonialismo também tenha sido vislumbrada no episódio de que se tratou antes, narrado por Carlos, no caso da narrativa de Isilda, inserem-se elementos da realidade mais abrangentes, que extrapolam as relações de exploração praticadas na fazenda:

Não há problemas aqui, os empregados das máquinas continuam, ninguém se foi embora, pelo contrário, todos os dias aparecem desgraçados [...]

a suplicar trabalho, por vezes sem um braço, sem pernas, escrever aos meus filhos que com a procura que tenho posso perfeitamente diminuir os ordenados até acabar com os salários que ficam de graça por não haver para onde ir, dizer aos meus filhos que estou bem, hei-de estar bem, não se aflijam, começamos a semear na terça, não vamos ter atrasos na safra deste ano, se não vendermos a Portugal vendemos ao Japão, fretar paquetes é o menos e no que respeita a transporte basta entender-me com os russos ou

os americanos do petróleo a lavrarem o mar em Cabinda (ANTUNES, 1999, p. 29. Grifos nossos.)

Paulatinamente, conforme a narrativa dessa personagem avança no tempo, ampliam-se os delineamentos históricos que circundam o presente em que ela se situa. No capítulo datado de 4 de dezembro de 1984, por exemplo, Isilda novamente se reporta àquelas imagens de Luanda de 1978, e sua memória focaliza de novo os cadáveres vistos por ela naquela ocasião. Agora, não apenas as imagens dos cadáveres vêm à sua mente, mas também as vozes desses mortos passam a interrogá-la:

[...] a ficar [depois de embarcar seus filhos no navio rumo a Lisboa] entre os defuntos que me interrogavam do caramanchão e do pátio, limpando as feridas das balas que os mataram com a ponta do lenço (ANTUNES, 1999, p. 102)

Após se referir às interrogações dos cadáveres e, imediatamente depois disso, à ocupação de sua antiga fazenda pelas tropas do Governo no presente (1984), Isilda, tentando convencer-se do seu direito de propriedade para legitimar sua revolta contra a ocupação da fazenda, remete-se aos portugueses que, muito antes dela, chegaram a Angola. Nesse ponto, acrescentam-se à violência presenciada em Luanda e à violência do MPLA presenciada na fazenda, informações que apontam para a violência que esteve nas bases da colonização portuguesa no interior de Angola:

[...] [a tropa do Governo] deixou que o girassol e o arroz secassem no frio do cacimbo e o capim lhes devorasse as raízes ao ponto de não encontrar qualquer vestígio da plantação do meu pai, do que lhe vendera a terra e emigrara para a Venezuela ou o Brasil, e daqueles anteriores a ambos que durante duas ou três ou quatro gerações derrubaram a mata e os ninhos dos animais à força de escravos e machado, à força de sangue, obrigaram à força de sangue também o algodão a nascer na crista das colinas e a sul do algodão as cabanas dos escravos entre o jardim e o rio, junto ao mármore dos crocodilos na areia [...] (ANTUNES, 1999, p. 102-103. Grifo nosso.)

O posicionamento intrincado de imagens em diferentes temporalidades que ocorre no capítulo, todas perpassadas pela violência, permite que se conclua que as interrogações dos cadáveres direcionadas a Isilda remetem à culpabilidade dos portugueses, de suas práticas violentas, na construção daquela realidade também extremamente violenta em que a narradora estava inserida.

Os exemplos expostos podem nos dar a dimensão do esforço operado pelo desígnio autoral em vincular, de maneira contundente, violência, interesses econômicos, estruturas e relações sociais vigentes em Angola ao longo de todo o período do colonialismo - e também no posterior - à retirada dos portugueses do país independente. Isso, muito embora a visão crítica do colonialismo construída em *O esplendor de Portugal*, assim como todos os artifícios formais que sustentam a narrativa, seja muito mais abrangente e complexa do que se pôde mostrar aqui.

De qualquer maneira, o que se quer salientar neste artigo é o fato de que as questões suscitadas pela leitura do livro de Lobo Antunes são bastante objetivas, as quais, além de lidarem com os fatores que motivaram e influenciaram sobremaneira a presença e a exploração portuguesa na África, são de extrema relevância para um melhor entendimento dessa história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Perry. *Portugal e o fim do ultracolonialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

ANTUNES, António Lobo. *O esplendor de Portugal*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

COELHO, João Paulo Borges. Abrir a fábula. Questões da política do passado em Moçambique. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 106, p. 153-166, 2015. Disponível em: <http://rccs.revues.org/5926> . Acesso em: 25 nov. 2016.

GALVÃO, Henrique. Relatório sobre problemas nativos nas colônias portuguesas. In: *O assalto ao "Santa Maria"*. Lisboa: Edições Delfos, 1974.

GLEIJESES, Piero. Conflicting versions: Cuba, the United States and Angola. In: FRANCO, Manuela (Coord.). *Portugal, os Estados Unidos e a África Austral*. Lisboa: Fundação

Luso-Americana para o Desenvolvimento IPRI – Instituto Português das Relações Internacionais Universidade Nova de Lisboa, 2006. Disponível em: http://www.ipri.pt/eventos/pdf/FLAD05_PGleijeses.pdf . Acesso em: 25 nov. 2016.

GUERRA, Henrique. *Angola – Estrutura económica e classes sociais: Os últimos anos do colonialismo português em Angola*. 4ª ed. Lisboa: Edições 70, 1979.

MENDILOW, Adam Abraham. *O tempo e o romance*. Porto Alegre: Globo, 1972.

MENESES, Maria Paula; GOMES, Catarina. Regressos? Os *retornados* na (des)colonização portuguesa. In: MENESES, Maria Paula; MARTINS, Bruno Sena (Orgs.). *As guerras de libertação e os sonhos coloniais: alianças secretas, mapas imaginados*. Coimbra: Edições Almedina, 2014.

RIBEIRO, Margarida Calafate; FERREIRA, Ana Paula (Orgs.). *Fantasma e fantasias imperiais no imaginário português contemporâneo*. Porto: Campo das Letras, 2003.

RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma história de regressos: império, guerra colonial e pós-colonialismo*. Porto: Afrontamento, 2004.

SANTOS, Fernanda Fátima da Fonseca. *Experiência colonial e pós-colonial na ordem ruínosa do mundo: uma leitura de O esplendor de Portugal, de António Lobo Antunes*. 2016.

Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VECCHI, Roberto. *Excepção atlântica: pensar a literatura da guerra colonial*. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

Submissão: 2017-02-05

Aceite: 2017-05-01